



**O painel é uma homenagem para Dona Lió, tia da Marta Kalunga, idealizadora da Casa Memória da Mulher Kalunga**

Kalunga já existia como espaço de resistência. Foi formado por africanos escravizados que fugiram, por indígenas, por famílias que encontraram nas serras e nos vales um refúgio possível. Um território que nasceu da necessidade de sobreviver e que, com o tempo, tornou-se símbolo de identidade.

Para o líder comunitário e morador da comunidade Engenho Il Cirilo Santos, 71 anos, ser quilombola é carregar essa história no corpo e na memória. “Para mim,

é uma honra ser quilombola, porque significa luta, conquista, fé e coragem também. É tudo um pouco disso.” A fala dele não é apenas simbólica — é a tradução de uma trajetória marcada por enfrentamentos constantes.

Cirilo lembra que o território nunca foi garantido. Foi conquistado. E segue sendo defendido. “Esse território é o único quintal que os Kalungas têm. Se perdemos ele, não temos para onde ir.” A frase resume uma realidade que ainda hoje se impõe: a permanência no território não é apenas um direito, é uma necessidade vital para o quilombo.

A regularização fundiária, segundo ele, é uma luta de mais de três décadas, que envolveu rejeição, ameaças, invisibilidade institucional e resistência coletiva. “Não foi fácil. A gente era muito rejeitado para fazer nossa reivindicação. Só depois que foi demarcado começaram a olhar para nós com outros olhos”. Embora o reconhecimento oficial como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural pelo governo de Goiás tenha ocorrido em 1991, a titulação definitiva tem sido feita por etapas ao longo dos anos.

Durante esse processo, muitas famílias enfrentaram situações extremas. Houve períodos em que roças foram destruídas, casas queimadas e comunidades pressionadas por fazendeiros. Entre 1977 e 1996, segundo relatos locais, parte do território foi alvo de invasões que colocaram em risco não apenas a terra, mas a própria sobrevivência das famílias.

Foi nesse contexto que as lideranças começaram a se organizar. A criação de entidades, como a Associação Quilombo Kalunga (AQK), foi fundamental para dar voz à comunidade. E nomes como o de Cirilo passaram a representar não apenas uma liderança local, mas uma articulação política em defesa do território. Em março de 2026, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva entregou títulos de domínio adicionais ao território.

## **Memória que resiste no corpo e na terra**

Para além dos mais conhecidos na região, outras vozes ajudam a reconstruir a história do território. Jorge Moreira, ex-presidente da AQK, também integrante de lideranças comunitárias, recorre à memória como ferramenta de preservação. Para ele, contar histórias é uma forma de manter vivo aquilo que não está nos livros. Durante sua presidência, Jorge lembra ter visitado comunidades mais “esquecidas” do quilombo, como a Taboca — criada por ex-escravizados que fugiram para montanhas de difícil acesso, no intuito de terem uma vida livre.

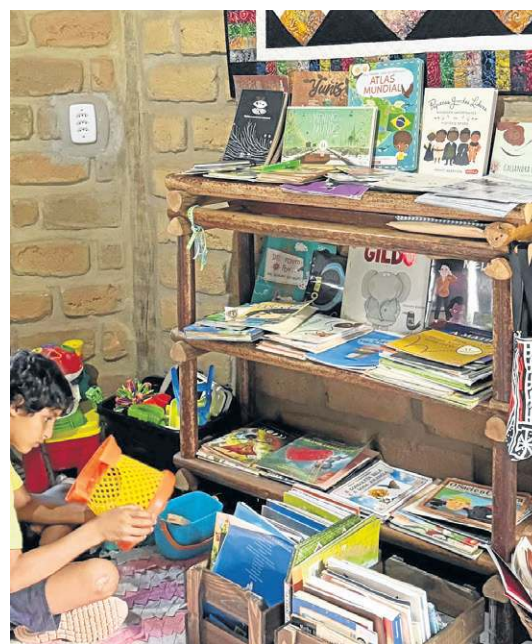
“Quando a gente vai contar uma história, lembra de uma fogueira. Porque é ao redor dela que saem os casos, as memórias.” A imagem da fogueira funciona como metáfora de uma cultura que se transmite pela oralidade, pelo encontro e pela partilha.

Jorge também fala dos vestígios físicos deixados pela história da escravidão na região. Muros de pedra, pilões utilizados para moer ouro, trilhas

Fotos: Júlia Sirqueira CB/D.A Press



**Marta expõe em sua loja fios de algodão colhidos e tingido por mulheres da comunidade**



**Biblioteca comunitária do território Kalunga**

antigas e áreas de garimpo ainda existem como marcas visíveis de um passado de exploração. “Quando eu vi aquele pilão de pedra, comecei a passar mal. Porque eu pensei: meus ancestrais passaram por aqui, trabalhando sem nada em troca.”

Além disso, ele relembra práticas antigas que garantiam a sobrevivência das famílias. Uma delas era o mutirão de mulheres que quebravam coco para extrair óleo. “Encontraram os ossos de coco no lugar. Isso prova que realmente existia esse trabalho coletivo das mulheres para alimentar suas famílias”. O passado ainda se manifesta no presente, seja nos objetos, nas práticas, seja nas memórias que continuam sendo transmitidas.

**\*Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**